



HILDEBRANDO DE CASTRO

RELEVOS  
E PINTURAS

03 de Maio a 03 de Junho de 2024

**PAULO  
DARZÉ**

G A L E R I A

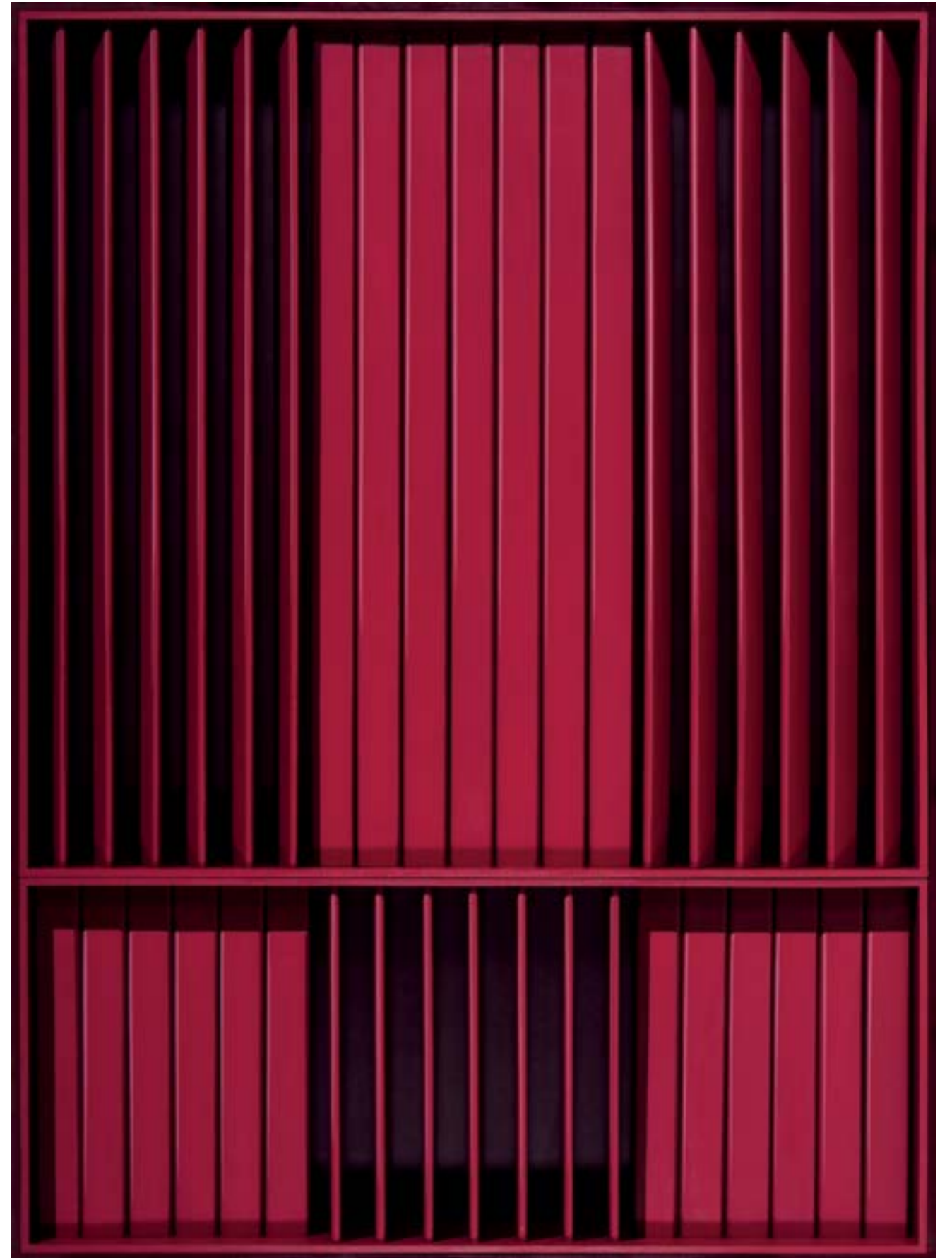
Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8  
Corredor da Vitória, Salvador/BA  
CEP 40081-310  
71 3267.0930 - 71 99918.6205  
paulodarze@terra.com.br  
www.paulodarzegaleria.com.br  
📷 @paulodarzegaleria



## RELEVOS

**Brise**

Acrilica s/ madeira  
100 x 70 cm  
2023



**Brise**

Acrilica s/ madeira  
100 x 70 cm  
2023



**Brise**

Acrílica s/ madeira  
80 x 80 cm  
2023



**Brise**

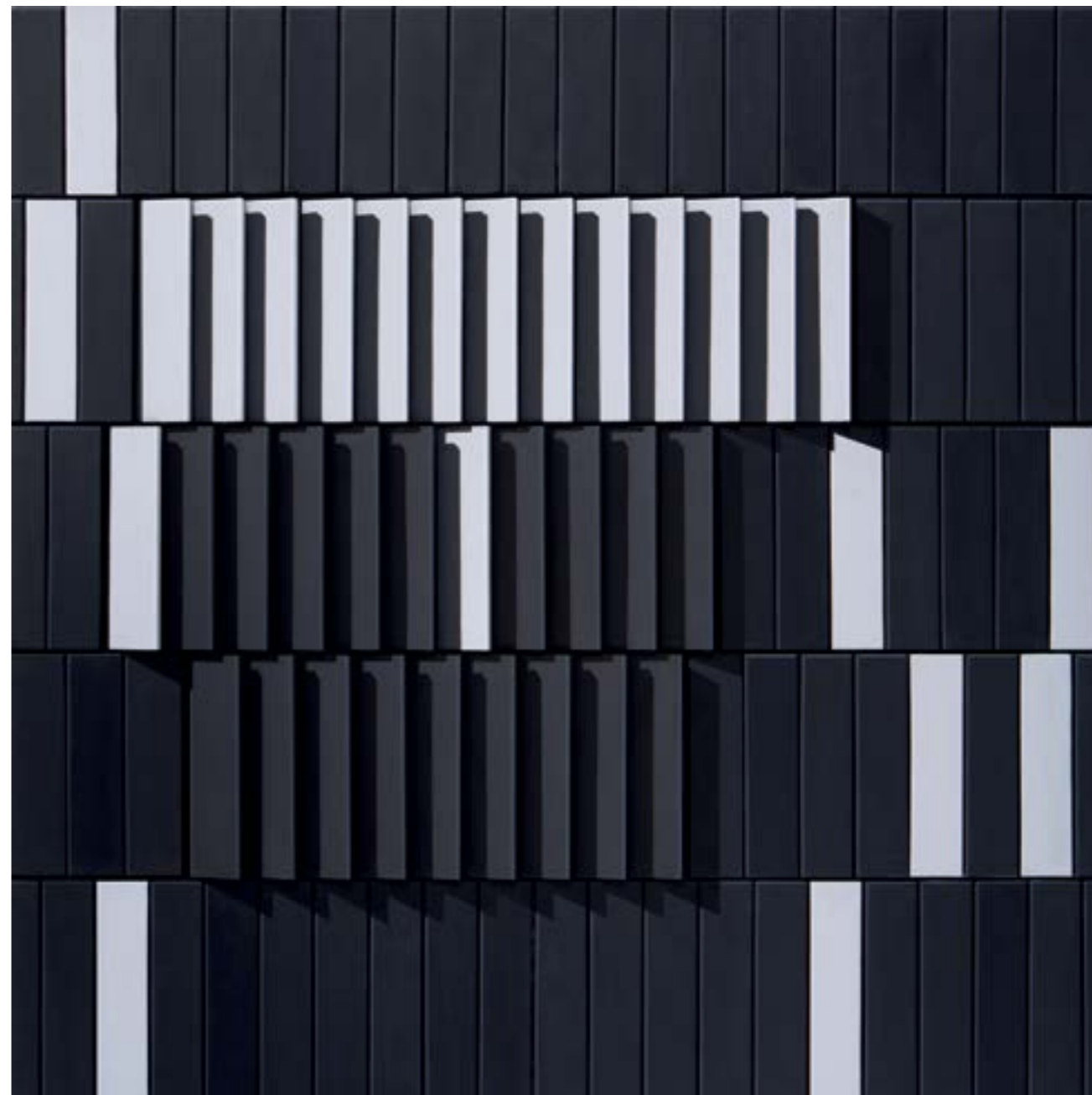
Acrilica s/ madeira  
100 x 70 cm  
2023





**Parque das Nações**

Acrílica s/ MDF  
80 x 80 cm  
2023

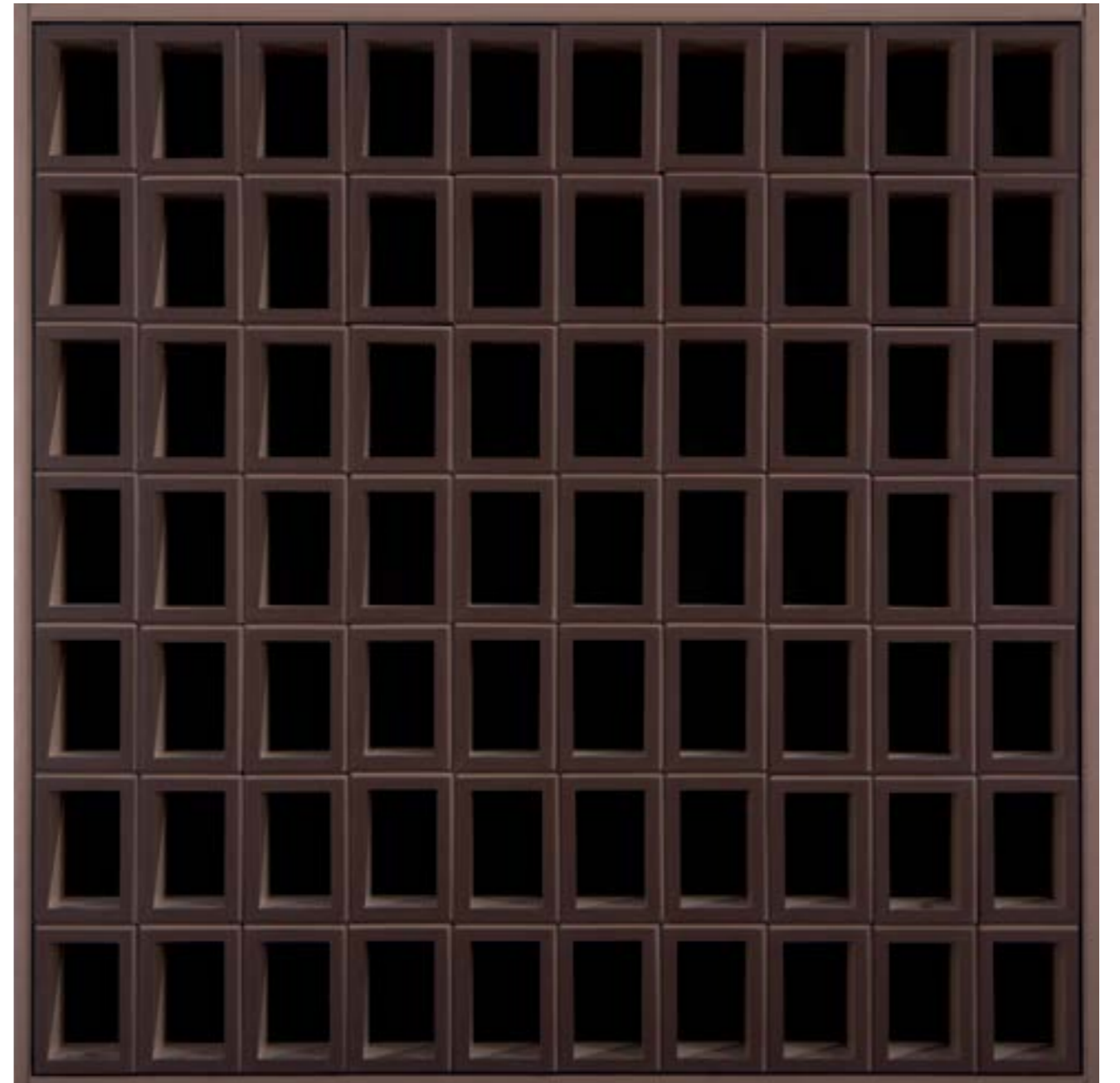


**Parque das Nações**

Acrílica s/ MDF  
50 x 50 cm  
2023



**Cobogo**  
Acrílica s/ MDF  
80 x 80 cm  
2022

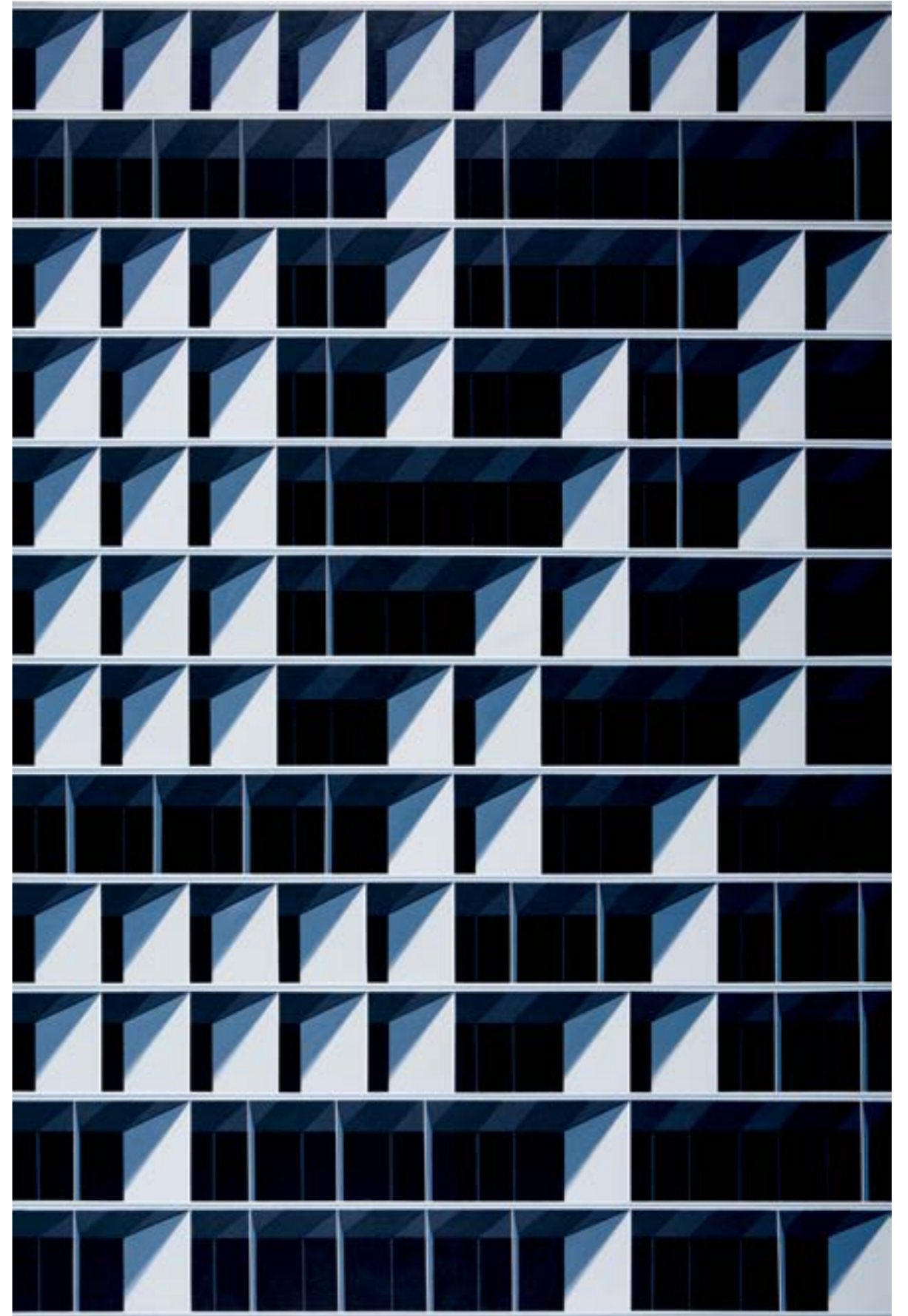




## PINTURAS

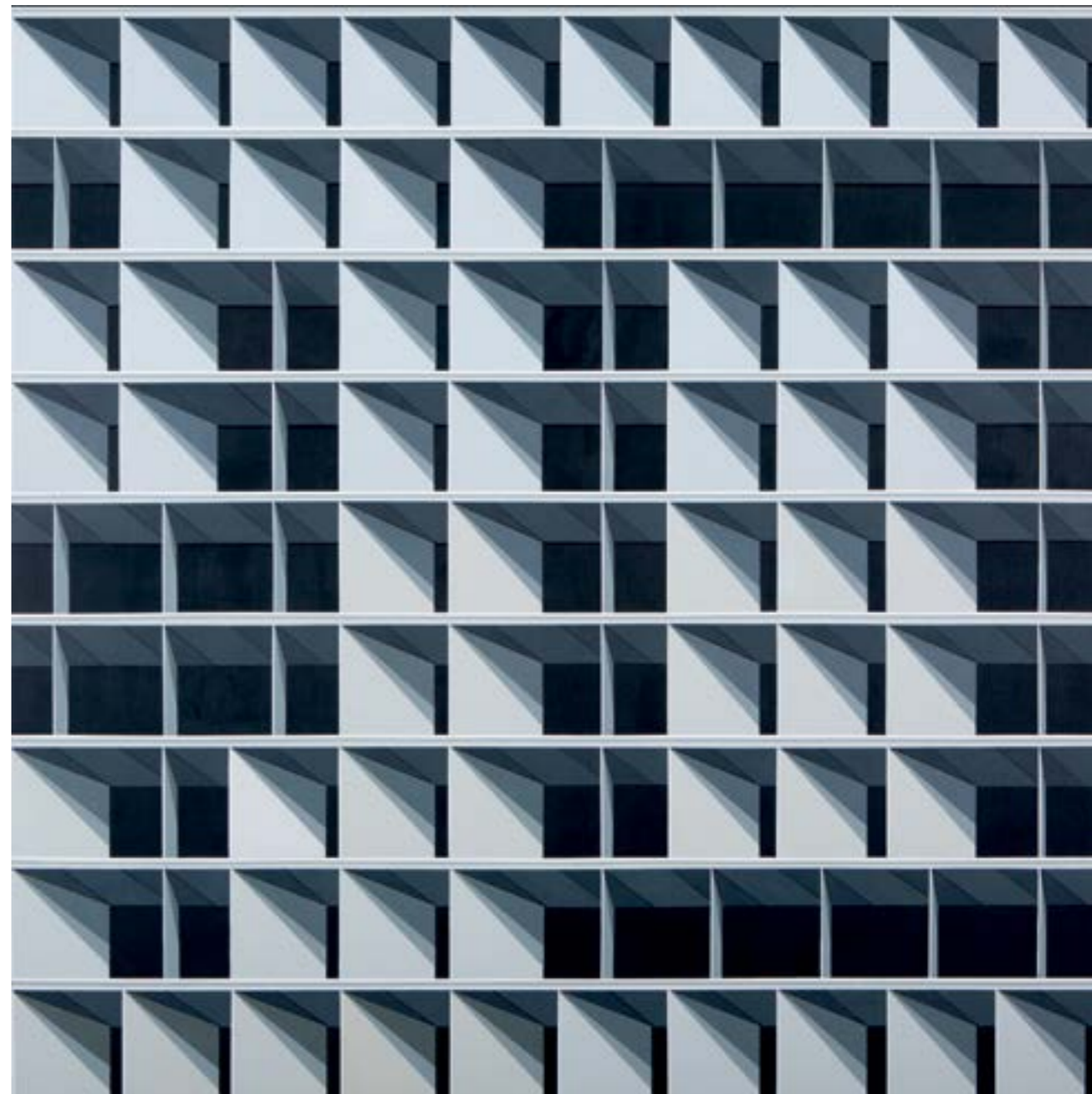
HO

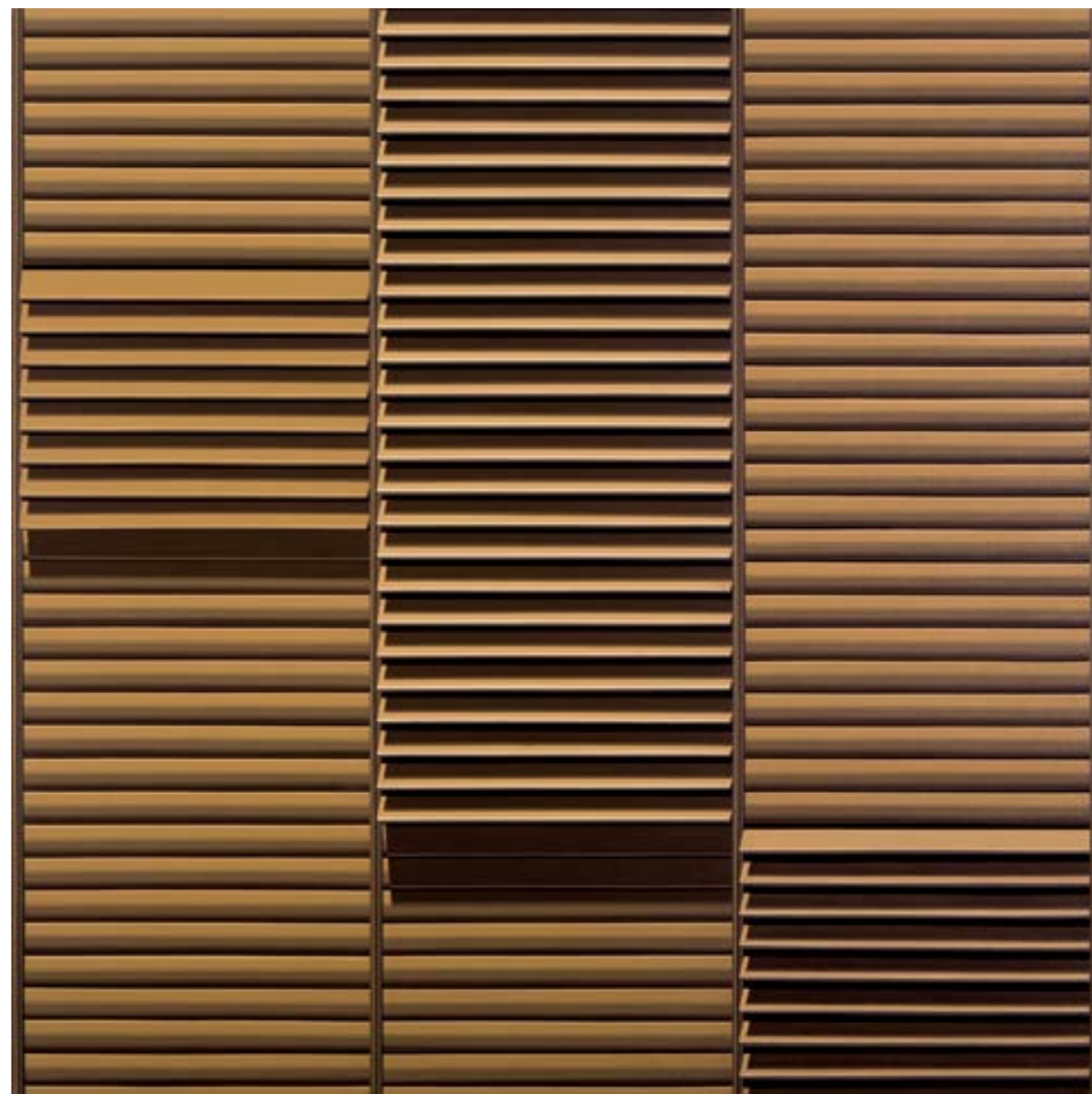
Acrílica s/ tela  
150 x 100 cm  
2021



HO

Acrílica s/ tela  
100 x 100 cm  
2022





**Díptico**  
Acrílica s/ tela  
100 x 200 cm  
2023

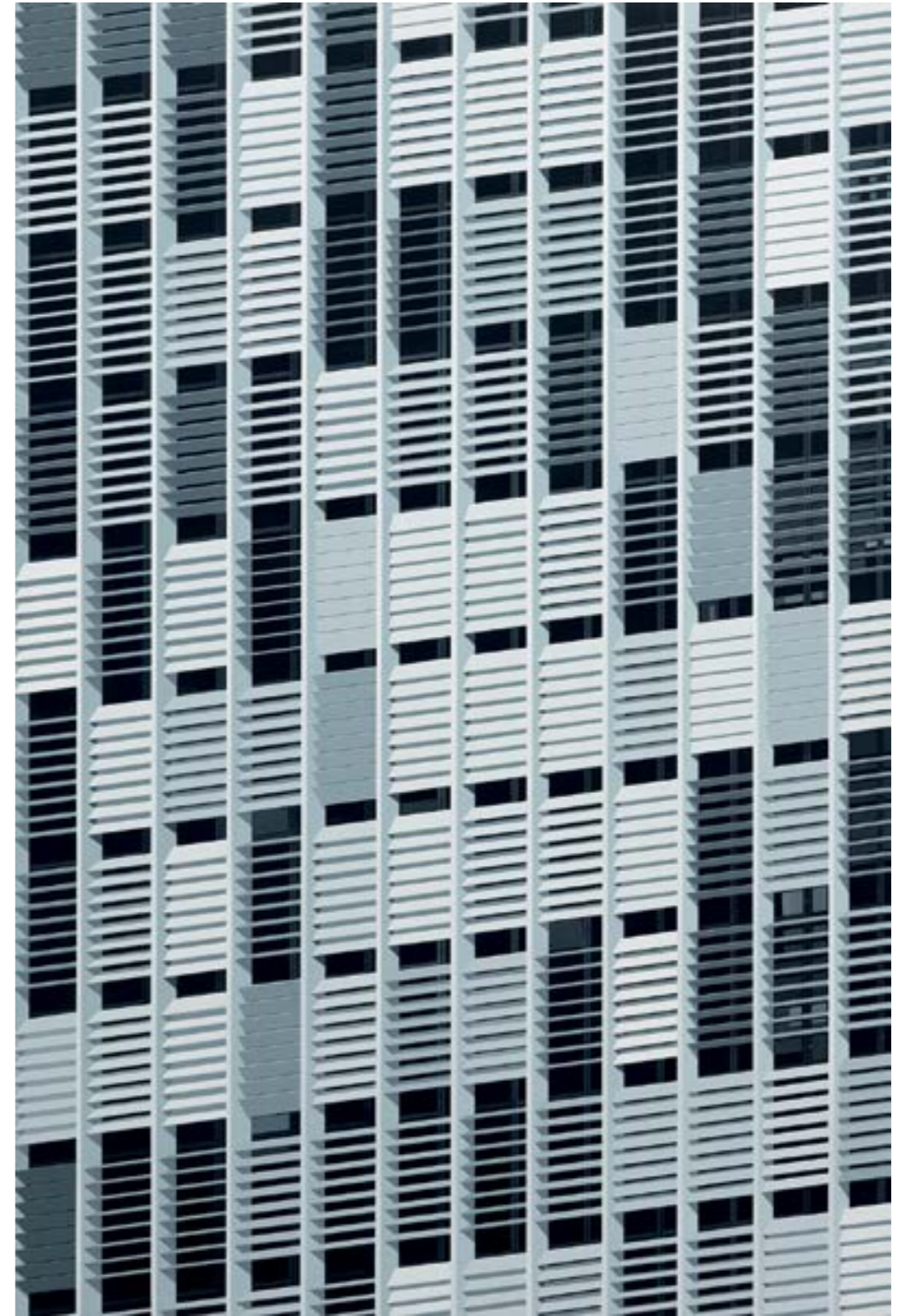
**Parque das Nações 1**

Acrílica s/ tela  
140 x 140 cm  
2022





**Av. Paulista**  
Acrílica s/ tela  
150 x 100 cm  
2018/2020



**Sem título**

Acrílica s/ tela  
140 x 140 cm  
2024



**Sem título**

Acrílica s/ tela  
150 x 200 cm  
2024



## ENCONTRAR O MUNDO PELAS FRESTAS E RELEVOS

*Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego.*

**Chico Buarque de Holanda**

A trajetória múltipla de Hildebrando de Castro encontra solo no desenho e na pintura realista, mas segue em decantação por retratos e cenas cotidianas, chegando na arquitetura e na geometria como um exercício de redução máxima. O fino diálogo do artista – um processo de transformação contínua entre luz e sombra – culmina na exposição “Construção”. O que se apresenta agora são estruturas que abordam proporção, composição e simetria, mas o sentido conferido às obras é de desmontagem de imagens prontas, em que diferentes experiências do olhar podem ser inscritas.

O olhar do artista se abriu às paisagens arquitetônicas urbanas em uma viagem feita em 1998. Assim ele descreve: “Quando olhei Brasília pela primeira vez, tudo era fascinante e grandioso. Parecia uma cidade futurística perdida no meio do Brasil. Fui hipnotizado pela luz que batia na fachada do prédio do anexo da Câmara dos Deputados, um prédio do Lúcio Costa, todo em tom de ocre que se multiplicava com a luz que batia sobre as persianas de brise-soleil que cobriam toda a fachada do prédio”.

Em Brasília, Hildebrando capturou um enigma que, por anos, atravessou seu trabalho. Agora, os encontros no espaço são revirados e decantados. Esse ponto de partida – e de assombro – é fulcral para o que se revela em “Construção”: não há encontro no espaço que não seja revirado pelo olhar. Não há luz ou reta que não diga também de um lugar hiperbólico ou de perplexidade. Não há luz sem sombra, e é sobre e sob esta premissa que, na série de pinturas e relevos expostos, o artista utiliza composições geométricas extraídas de recortes da arquitetura e constrói uma obra que, além da representação, cria uma espécie de vertigem entre o bidimensional e o tridimensional.

No encontro com a cidade, as persianas foram fundamentais. Utilizadas nas janelas para regular a luz e a ventilação, eram os elementos de abertura do campo do olhar para os desenhos que se formavam na fachada e refletiam sombras, tons e nuances. O simples movimento de abrir e fechar persianas despertava a dimensão do alumbramento diante de diferentes composições cromáticas. Os tons de ocre e outras variações de cor revelam o que os urbanistas indicam como usos possíveis para o espaço projetado, mas aqueles que o experimentam no dia-a-dia é que os atualizam.

Paola Berenstein, arquiteta e ensaísta que estuda espaços urbanos e corpografias, assinala: “São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano”. Hildebrando de Castro reverbera a tese de Paola, que ensina que, no momento em que a cidade é experimentada, é que esta também se inscreve como ação perceptiva e, desta forma, sobrevive e resiste. Com suas pinturas, ele revela uma geografia afetiva e subjetiva inspirada nas cores dos prédios modernistas de Brasília: ocre, vermelho, amarelo, verde-água, cinzas-azulados e a junção de cores, atravessadas pela luz e por seus recortes e variações.

No livro “A invenção do cotidiano”, Michel de Certeau diz daqueles que experimentam a cidade e fazem resistência ao processo de espetacularização e ao empobrecimento da experiência na contemporaneidade. Os artistas seriam aglutinadores desse exercício radical e errante, necessário para a subversão do olhar, experiência que convoca um caráter corporal e sensorial como bem nos revela Hildebrando em uma fina criação que insiste na particularidade sensível

da experiência, à maneira de outros grandes artistas – e aqui podemos citar Helio Oiticica, Cildo Meireles, Gordon Matta-Clark e Michael Wesely, outros – que olharam, pensaram o espaço, trabalharam com intensidades diversas e criaram, cada um à sua maneira, relevos, texturas, espessuras, presenças e corporeidades múltiplas.

O espaço ressurgem pelos olhos e pelo gesto do grande artista, como uma reinvenção da ideia de sujeito e do estatuto da imagem que se presentifica em composição e sinfonia, paisagem e subjetividade, burburinho e silêncio, que pode acontecer pelas frestas, pelo abrir e fechar de uma janela. Hildebrando depura o inefável e faz surgir daí parte da constatação poética de que é a luz quem desenha a sombra. Não há sombra sem luz e, a partir dessa ambiguidade e mistério, o artista nos oferta seu alumbramento e assombro, a cada tela e a cada aparição.

As criações, em estado de decantação máxima e abrigado na poesia das cores, trazem a fineza do registro de uma experiência vívida da cidade, uma espécie de grafia urbana inscrita no próprio corpo do artista e no de quem, através de um trabalho primoroso, também a experimenta. Sua pintura abriga desvios, linhas de fuga, uma micropolítica do olhar que nos convoca a desafiar o imediatismo do excesso de imagens, como propõe Evgen Bavcar ao lembrar que devemos superar a ditadura do visível e, com isso, oferecer a possibilidade do invisível. Segundo Bavcar – um fotógrafo que, mesmo cego, ao capturar as sutilezas da luz, da sombra, dos sons e do silêncio – “há que se dispor a vigiar a noite para que a aurora nos apresente o batismo do inédito, a possibilidade de reinvenção de uma visibilidade outra”.

Justamente aí reside a complexidade da construção de Hildebrando: um chamado ao que dá vida, e do cotidiano quase nos escapa, mas que pode se dar como acontecimento epifânico, na medida em que nos abrimos a encontrar o mundo pelas frestas e relevos.

Bianca Coutinho Dias



## ENCOUNTERING THE WORLD THROUGH THE CRACKS AND CONTOURS

*He climbed the construction as if it were solid,  
At the top raised four magical walls,  
Brick by brick in a logical design,  
His eyes blunted by cement and traffic.*

**Chico Buarque de Holanda**

Hildebrando de Castro's multifaceted artistic journey started with drawing and realistic painting before evolving into portraiture and everyday settings and arriving at architecture and geometry in a study in reductivism. The exhibition *Construção* [Construction] is the culmination of his subtle dialogue – a continuous process of transformation that explores the relationships between light and shadow. It features structures that address proportion, composition, and symmetry, but which have the feeling of dismantled ready-made images onto which individualised gazes can be inscribed.

During a journey in 1998, Hildebrando's eyes were opened to metropolitan architectural landscapes, and he comments: "When I saw Brasília for the first time, everything was fascinating and grandiose. It was like a futuristic city lost in the middle of Brazil. I was mesmerised by the light hitting the façade of the annexe of the Chamber of Deputies, a building designed by Lúcio Costa in shades of ochre that multiplied as the sun hit the brise-soleil shades that covered the entire façade of the building."

In Brasília, Hildebrando captured a mystery that for years had crossed his work for years, and enabled him to subvert and refine his spatial interactions. This point of departure – and wonderment – is fundamental to the portrayal of the idea in *Construção* that the gaze affects every and any encounter in space. There is no light or line that does not also allude to a hyperbolic setting or to bewilderment. There is no light without shadow, and it is on this premise that the artist uses geometric compositions extracted from architectural contours to create a series of paintings and reliefs that go beyond mere representation and induce a kind of vertigo between two and three dimensions.

The blinds were essential in the interaction with the city. Used in windows to regulate light and ventilation, they were the key to extending the field of vision to the designs that formed on the façade and reflected shadows, tones, and nuances. The simple act of opening and closing the blinds awakened a sense of wonderment at the different chromatic compositions. Although urban planners use the ochre tones and other colour variations to suggest certain uses for the spaces they design, it is in actual fact the people who use the space on a regular basis who update them.

As the architect and essayist Paola Berenstein, who researches urbanism and corpography, notes: “It is the appropriations and improvisations of spaces that do or do not legitimise what was planned. That is, it is these experiences of space by inhabitants, visitors, and passers-by that reinvent these spaces in everyday life.” Hildebrando de Castro echoes Paola’s theory, which holds that the instant the city is sensed, it survives and resists by inscribing itself as a perceptual action. Through his paintings, the artist reveals an emotive and personal geography that draws from the hues of Brasília’s modernist architecture: ochre, red, yellow, aquamarine green, bluish greys, and the meeting of colours, interrupted by the light and its variations.

In his book *The Practice of Everyday Life*, Michel de Certeau considers city-dwellers who resist the contemporary trend of making experiences increasingly spectacular and ever less meaningful. Artists are the aggregators of this radical and meandering practice, so essential for the subversion of the gaze, and this practice takes on a physical and sensory character that Hildebrando reveals to us in subtle creations that insist on the delicate particularity of experience, akin to

that of other great artists – such as Helio Oiticica, Cildo Meireles, Gordon Matta-Clark, and Michael Wesely – who looked at and thought about space, worked with different intensities, and created, each in their own way, reliefs, textures, thicknesses, presences, and multiple corporalities.

Through the artist’s eyes and gestures, space re-emerges as a reinvention of the idea of the subject and the status of the image, which manifests itself in composition and symphony, landscape and subjectivity, sound and silence, and which can seep through the cracks as well as through the opening and closing of a window. Hildebrando here distils the ineffable, and the lyrical insight that it is light who draws the shadows. There can be no shadow without light, and from this ambiguity and mystery, the artist offers us his illumination and wonder with each canvas and each appearance.

A vivid experience of the city is captured in these highly refined creations that shelter in the poetry of colours. It is as if a kind of urban script is inscribed on the artist’s own body and on the bodies of those who, through meticulous study, also experience it. His painting harbours deviations, lines of escape, and a micro-politics of the gaze that asks us to resist the immediacy of the excess of images, as Evgen Bavcar reminds us that in order to grasp the invisible, we must first transcend the dictatorship of the visible. According to Bavcar – a photographer who, despite being visually impaired, is adept at capturing the subtleties of light, shadow, sounds, and silence – “we must be willing to watch the night so that dawn baptises us with something brand new, the possibility of reinventing an alternative visibility.”

The intricacy of Hildebrando’s construction is right here: a cry to that which gives life, to the everyday that almost eludes us, but that can happen in a moment of epiphany if we can only allow ourselves to encounter the world through the cracks and contours.

Bianca Coutinho Dias











para Fuska e Mano

Organização  
**Thais Darzé e Paulo Darzé**  
Produção executiva  
**Cica Lima**  
Texto  
**Bianca Coutinho Dias**  
Tradução  
**Juliet Attwater**  
Projeto gráfico  
**Jorge Morabito**  
Fotos obras  
**Márcio Lima**  
Fotos atelier  
**Willian Viana e H. de Castro**  
Assessoria de imprensa  
**Claudius Portugal**





